



O FILME AUGUSTINE: ANÁLISE SOBRE A HISTERIZAÇÃO CLÍNICA E DISCURSIVA DA MULHER

Adalberto Ferdnando Inocêncio
Universidade Estadual de Londrina

Tamires Tolomeotti Pereira
Fabiana Aparecida de Carvalho
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma análise discursiva da produção Augustine (2012) considerando os estudos foucaultianos e de gênero que problematizam questões e categorias constituídas historicamente como: gênero, raça, classe e sexualidade. Considerando a materialidade fílmica e suas construções simbólicas que levam ao estabelecimento de significados e interpretações no plano da subjetividade, e o conceito de dispositivo de Michel Foucault, que aponta para práticas difusas e heterogêneas que englobam discursos, instituições, arquiteturas, enunciados científicos, mensurações, regulamentações, ou seja, o dito e o não dito em redes de poder, apontamos categorizações discursivas que dizem sobre: a) o corpo feminino como objeto de investigação médica; b) a representação da histeria em aparatos de registro na produção de verdades sobre a sexualidade feminina; c) a objetificação da feminilidade em práticas médicas; d) Os aparatos não discursivos e a invasão do corpo feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Histeria; Análise de Discurso; Psiquiatrização da Mulher.

INTRODUÇÃO

Filmes e documentários são artefatos que difundem narrativas e pedagogias culturais em suas práticas de significação e em suas relações informacionais e formativas com o público. Na perspectiva dos estudos de gênero e dos estudos foucaultianos, as produções cinematográficas devem ser olhadas, analisadas e pensadas enfocando questões e categorias construídas e problematizadas

Realização:



Apoio:



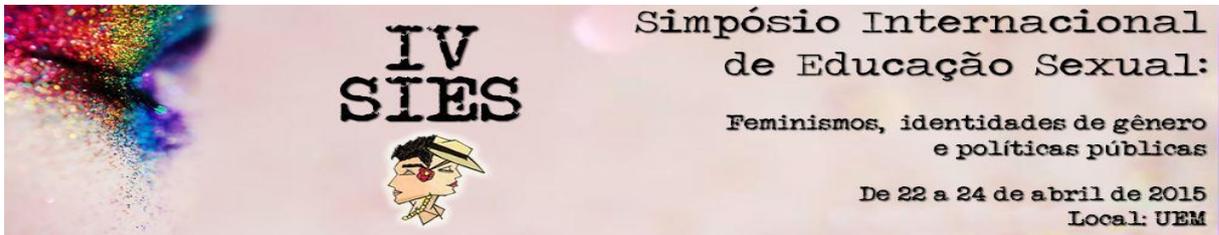
DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:



PlayBook



historicamente como: gênero, raça, classe, sexualidade, bem como, as estratégias biopolíticas (FOUCAULT, 2014) que engendram modos de ser para os corpos e para as pessoas.

Seguindo essa orientação, o presente trabalho apresenta uma análise discursiva da produção *Augustine* (2012), da francesa Alice Winocour, exibida nas salas de cinema brasileiras durante o ano de 2014. Buscamos inspiração na trajetória genealógica desenvolvida por Michel Foucault, que questiona os processos e as forças que fizeram determinados discursos se perpetuarem, sem, contudo, seguirmos à risca um método rígido e definido, uma vez que o próprio filósofo entendeu sua obra como a uma caixa de ferramentas prêt-à-porter acionada à medida que problemáticas necessitam ser presentificadas e discutidas.

Baseando-se em sua pesquisa dos prontuários médicos das muitas mulheres internadas no Hospital Psiquiátrico Pitié-Salpêtrière, na Paris do final do século XIX, a diretora narra, no plano principal, a história de uma jovem empregada doméstica acometida de ataques, convulsões, espasmos e delírios que a levam a paralisias corporais e a comportamentos considerados patológicos. No filme, observa-se a construção gradual de conhecimentos e práticas médico-psicológicas que vão moldar e atravessar as compreensões sobre a histeria feminina na época. Essas, por sua vez, são engendradas nos corredores, dormitórios, salas e consultórios do La Salpêtrière e nas ações prescritivas, analíticas e documentais de fisiologistas e sanatoristas residentes na clínica parisiense, em especial, as descrições e investigações encampadas pelo médico Jean-Martin Charcot, pioneiro em estudos neurológicos e psiquiátricos.

Instituições sociais, como os hospitais psiquiátricos, produzem/produziram, segundo Foucault (2014), conjuntos de dispositivos que colocam/colocaram o sexo em evidência, criando verdades e discursos que geram/geraram investidas e normas que são/foram obedecidas e incorporadas por homens, mulheres e crianças e que deixaram o sexo, a sexualidade e o corpo no plano da linguagem e do discurso.

Realização:



Apoio:

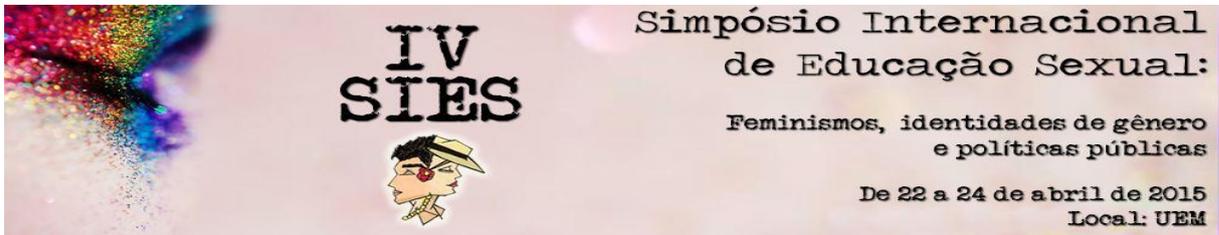


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





[...] a “colocação do sexo em discurso”, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa, mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfos e que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou – sem dúvida através de muitos erros – em constituir uma ciência da sexualidade (FOUCAULT, 2014, p. 18).

A escolha do filme articula-se, nesse sentido, dentro dessa *scientia sexualis* e na negação da hipótese repressiva (FOUCAULT, 2014), na qual o poder não se exerceria apenas se controlando as pessoas, mas, tornando-as objetos de discursos, de verdades sobre o sexo que não operam apenas no âmbito da coerção e da repressão, mas, sim, nas potências de seus desejos.

Em termos de construção de relações de saberes e poderes, não podemos também esquecer que a ascensão capitalista, consolidada entre os Séculos XVII a XIX, forjou sexualidades eminentemente burguesas e restritas à função procriativa e a uma economia sobre o sexo. Contribuíram para esse aspecto: as práticas médicas de análises, exames e confissões clínicas, como, também, as classificações demográficas e os regimes jurídicos que regimentaram possibilidades de interdição, proibição e práticas em torno de quem podia falar de sexo em detrimento daqueles que não o podiam fazer e ainda eram considerados desviantes desse sistema produtivo.

Vinculada às instituições sociais, essa incidência econômica tratou, como ressalta Foucault (2014, p. 16), de “determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana”. Ao se atrelar a sexualidade ao domínio da linguagem se determinou, portanto, “quem fala” (formação do sujeito), “os lugares e as perspectivas de quem fala” (posição de sujeito), “as instituições que incitam a fazê-lo” (hospitais, sanatórios, escolas, delegacias, sindicatos etc) e “com que interesses se fala ou se evidenciam coisas”. Em síntese, trata-se de perguntar, considerando processos genealógicos de investigação: que sexualidade(s) se quis construir na mobilização dessas formações discursivas?.

Realização:



Apoio:

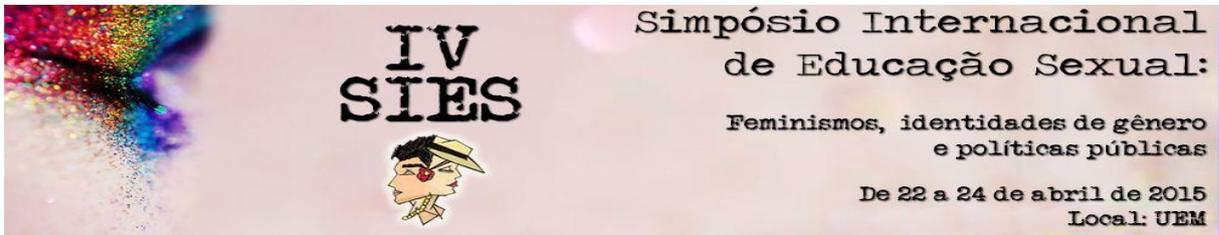


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Considerando especificamente o Século XIX, os discursos sobre a histerização, foco de reflexão nesta produção, saturam/saturaram o corpo feminino de sexualidade e transformaram a mulher em objeto de análise, qualificado ou desqualificado em função das práticas médicas e das práticas de regulação social e familiar. Nessa lógica, as mulheres improdutivas na economia do trabalho, ou, ainda, na economia do lar e da perpetuação da família, foram, pois, psiquiatrizadas e classificadas como perturbadas, neuróticas e dentro de uma pedagogia nosológica e descritiva praticada em espaços arquitetônicos e não arquitetônicos.

É junto a Foucault que também pensamos o filme Augustine como artefato cultural que importa à problematização do presente e dos regimes de verdade sobre o sexo e sobre o corpo.

Considerando a materialidade fílmica e suas construções simbólicas (efeitos visuais e sonoros, música, cor, profundidade de campo, closes da câmera), que levam ao estabelecimento de significados e interpretações no plano da subjetividade, e o conceito de dispositivo de Foucault (2014), que aponta para práticas difusas e heterogêneas que englobam discursos, instituições, arquiteturas, enunciados científicos, mensurações, regulamentações, ou seja, o dito e o não dito em redes de poder, apontamos categorizações discursivas que dizem sobre: a) o corpo feminino como objeto de investigação médica – a relação médico-paciente; b) a representação da histeria em aparatos de registro na produção de verdades sobre a sexualidade feminina – compêndios fisiológicos, fotografias, relatos, teatralização da doença, etc; c) a objetificação da feminilidade em práticas médicas – métodos de hipnose, relatos de sintomas; e, d) Os aparatos não discursivos e a invasão do corpo feminino - instrumentos médicos, consultas, aparelhos cirúrgicos, arquitetura hospitalar.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





A SEXUALIDADE DE AUGUSTINE: DO ARQUIVAMENTO DO RELATO À CONSTRUÇÃO DO DISCURSO SOBRE HISTERIA

Quando trazemos outras materialidades (exemplo: artefatos culturais) para pensarmos nossos posicionamentos como sujeitos produzidos por narrativas, representações, significados e discursos, é preciso tanger o olhar de forma diferenciada. Em narrativas fílmicas, os roteiros, os enredos, os planos de sequências, a música, as tomadas de câmera não são apenas fios lineares na condução dos sentidos dos espectadores. O olhar precisa estar atento para os efeitos discursivos que presentificam a maneira como as coisas foram construídas e as palavras foram ditas historicamente.

Mas, afinal, de qual ou quais realidade(s) fala o filme Augustine? De quais efeitos discursivos e de quais regimes de verdades incorporados ao gênero feminino?

Um plano de sequências lentas entrecorta a narrativa e mantém a atenção em efeitos de suspense como se a diretora, intencionalmente, mesclasse à história elementos de ficção e de cunho documental e histórico. Há, a todo o momento, um clima de contenção nas ações das personagens e nos objetos dispostos tanto na sala de estar, nos dormitórios e consultórios do hospital psiquiátrico parisiense, quanto nos pátios vigiados constantemente por enfermeiras/os¹ e médicos.

O ano é 1885. Augustine, representada pela cantora francesa Soko, é a criada augusta de uma família burguesa e encontra-se recém-exilada no Salpêtrière por conta de suas constantes crises convulsivas. O medo, a solidão, a desconfiança, o mal-estar da personagem se contrastam com o aspecto grise de uma paisagem excludente, perscrutadora, fechada que demarca, ainda mais, o ritmo lento da passagem do tempo e a reclusão forçada nos espaços de tratamento.

¹ Usamos a marcação “a/o” para contemplar e viabilizar perspectivas de gênero, entretanto, quando as marcações se referirem a médicos, estamos considerando o domínio masculino, por abarcar os personagens representados no filme.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:





É justamente nesse período ambientado na trama que o discurso médico assume posição estratégica, insubstituível e hegemônica que legitima a prática de confissão científica por meio da qual se produziu e se reproduziu corpos, sexualidades e desejos.

Signo desse momento, o médico Jean-Martin Charcot, vivido pelo ator Vincent Lindon, empreende investigações, postulados, estudos e discussões médicas sobre a histeria e recolhe Augustine na clausura do hospital psiquiátrico para torná-la sua cobaia didática, ou seja, um modelo viável pelo qual as crises histéricas poderiam ser demonstradas a toda comunidade médica e científica da época. Nesse tempo-espaço, adensado na película, a medicina (e os regimes disciplinares) inventaram falas sobre a mulher e sobre seu corpo, teorizando e produzindo pareceres, regras para a qualidade de vida, para os hábitos alimentares e para a regulação das práticas sexuais. Augustine é, portanto, um recorte de uma história das mulheres, de uma história de minorias interpelada por grandes instituições de poder e por discursos hegemônicos.

Todo discurso seria um conjunto de enunciados apoiados na mesma formação discursiva que está sujeita a regras e contingências que determinam seu aparecimento, sua permanência e as correlações de força mantidas nas instâncias sociais (FOUCAULT, 1987). Sob esse ponto de vista, podemos entender a narrativa do filme Augustine como um destacamento de enunciados que operam apoiados numa mesma formação discursiva que vai estabelecer: a) um princípio de diferenciação para as mulheres, em especial as que desviam da economia produtiva do sexo e do trabalho; b) um esquadramento de sujeitos destacados em papéis, posições ou proposições, como exemplo, a relação médico-paciente, internas no Salpêtrière e funcionários e doutores; c) associações com outros enunciados inscritos ou reproduzidas em artefatos ou práticas culturais, a saber, a academização do conhecimento sobre loucura, histeria e sexualidade.

Nesse regime de verdades exposto no filme Augustine temos, portanto, um princípio fundador da histeria; os sujeitos que ocuparam o lugar do discurso da loucura (deficientes, mulheres, pobres); o discurso científico associado a uma

Realização:



Apoio:



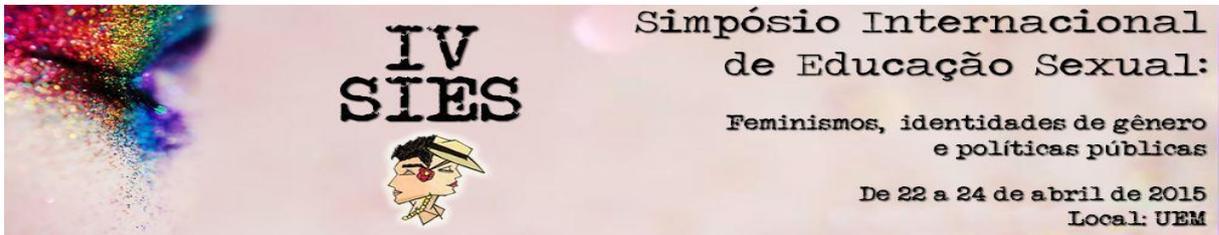
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



pedagogia explicativa da doença; e, especialmente, uma materialidade discursiva desdobrada nos registros médicos, nos compêndios sobre doenças, nos arquivos hospitalares, nos artigos científicos e jornalísticos publicados, na fala das pessoas, na cultura do medo e do estranhamento frente a histeria manifestada pelas internas do hospital.

Ao (re)constituir o lugar conceitual, físico e discursivo do Hospital Psiquiátrico Pitié-Salpêtrière, Aline Winocour traz a emergência histórica das narrativas que possibilitaram a invenção da histeria e a objetificação de saberes sobre as mulheres. Traços dessa condição contingente sobre o sexo e a sexualidade feminina podem ser entendidos nas categorizações discursivas que trazemos a seguir.

O CORPO FEMININO COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO MÉDICA – A RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE

De acordo com Didi-Hubermann (2007), Charcot ocupa uma posição emblemática na história da medicina como anatomista, neurologista, clínico e diretor do La Salpêtrière. Suas investidas médicas estariam próximas de uma clínica da observação, pautada no visível e no descritível (FOUCAULT, 2008) e mediada pela fabricação de hipóteses, teorias e objetificações sobre suas/seus pacientes. Esse categórico trabalho transformou o hospital parisiense numa espécie de museu patológico vivo onde, sistematicamente, as/os internas/os podiam ser observadas/os, classificadas/os e catalogadas/os clinicamente.

The Salêtrière hospital wards provided Charcot and his disciples with the human material which their great construction work required. Charcot referred to the hospital as a 'living pathological museum', and noted with satisfaction its 'considerable [amount] of material and resources' (HAKOSALO, 1991, p.19).

Nesse museu humano determinado nosologicamente, a relação médico-paciente captada no filme Augustine pauta-se, a todo tempo, numa relação entrecortada pela objetificação de seu corpo e de sua posição social enquanto

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



mulher e empregada. O neurologista Charcot, situado como figura de autoridade e amparado por seu status médico, por sua herança comportamental burguesa, aristocrática, racista, especista e masculina, faz da doença de sua paciente uma cruzada, projetando o seu repertório de pesquisa para o seu reconhecimento como pesquisador de renome e como figura respeitada nos altos círculos sociais de Paris.

Tensionam-se, ainda, aproximações e afastamentos pontuados por intervalos de explicações científicas sobre os achaques somatizados no corpo de Augustine, mas, também, por uma relação sentimental ora distanciada ora muito próxima e sempre marcada por uma dinâmica de transferência e contratransferência que será reforçada, no filme, em cenas cujo olhar médico e obsessivo de Charcot esquadrinha a doença e a cria discursivamente. Inscreve-se, aí, uma relação de poder e dominação que, paradoxalmente, suplanta em Augustine dúvidas, subordinação e, ao mesmo tempo, fantasias que se tornam pulsantes quando essa, em seus delírios histéricos, libera seu recalque sexual e contempla, simbioticamente, aproximações com seu tutor e examinador.

No filme, há também um elemento ficcional a tecer uma relação afetivo-sexual durante os processos psicológicos de transferência médico-paciente. Embora não saibamos se, de fato, a relação sexual entre Charcot e Augustine tenha sido consumada, a diretora, durante seu trabalho de pesquisa para a constituição do roteiro, não encontra nos arquivos do Salpêtrière documentos que trouxessem o ponto de vista de outras/os pacientes; na película, o contraponto das/os internas/os é, cuidadosamente, trazido quando algumas outras reclusas relatam os motivos pelos quais foram internadas e quando Augustine se envolve com o médico e, posteriormente, ganha a consciência de que seu ser e seu corpo são manipulados nessa relação de poder estabelecida.

Charcot torna-se, então, o escrutinador e o confessor de sua paciente, relatando, escrevendo e, por vezes, até mesmo definindo as sensações e os sintomas da doença descritos por Augustine. Podemos dizer, amparados por Foucault (2014), que essas são práticas confessionais estabelecidas nessa relação íntima de poder-saber entre médico-doente. Tais táticas nada mais seriam do que

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





parte de regras de decência que passariam a filtrar os enunciados e reificar o imenso aparelho produzido em torno do sexo e da sexualidade.

A REPRESENTAÇÃO DA HISTERIA EM APARATOS DE REGISTRO

Na produção de verdades sobre a sexualidade de Augustine, Charcot e seus discípulos criaram aparatos de registros compreendidos por compêndios fisiológicos, fotografias, relatos que determinaram uma verdadeira teatralização da doença. Nas passagens que ilustram o saber técnico da ciência psiquiátrica, o filme adensa num território que sobrepõe os discursos científico, pedagógico e terapêutico. O dizível pelos registros escritos tornaram-se, pois, ampliados pelo visível e pelo narrativo da fotografia da doença.

A captura fotográfica dos surtos e delírios de Augustine, mais que técnica de pesquisa, e dentro de um regime confessional, tornou-se um empreendimento laboratorial, uma arquivologia do patológico e, pedagogicamente, um artefato de transmissão dos conhecimentos e saberes inventados pelos médicos. Toda essa manufatura da doença deslocou a mulher histórica para o centro de um discurso e para uma teatralização das representações dos sintomas sofridos.

Quando Charcot é duvidado por seus pares e pela sociedade moralista da época, ele aciona seus registros escritos e um rol de profissionais para empreender uma performatividade na qual a fotografia e o aparato teatral das salas de reuniões e defesas do Salpêtrière tornam-se a própria metáfora da percepção clínica do médico. Metodologicamente, criam-se, aí, as técnicas de construção da histeria (HAKOSALO, 1991) que colocam o corpo feminino, materializado na personagem Augustine, sempre numa dupla captura que envolve tanto o fascínio em que a histórica coloca seu corpo de maneira apta ao tratamento e à medicalização, quanto a perplexidade investigativa do médico, de seus discípulos e fotógrafos que produziram um conhecimentos e biopolíticas diante de pessoas sendo observadas. O corpo da paciente é, portanto, o corpo entregue ao espetáculo da enfermidade, dos ataques, das convulsões, dos espamos e dos parâmetros descritivos da ciência.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Os registros de Charcot teatralizaram, regimentaram e conceituaram um ataque histérico que se desdobrava, quase que seguindo um script, em diferentes fases da histeria num mesmo corpo, mas, conseguiram, também uma espécie de polícia de enunciados (FOUCAULT, 2014) estabelecida em situações de controle e determinante de quem pode falar e como se pode falar sobre a histeria.

A OBJETIFICAÇÃO DA FEMINILIDADE EM PRÁTICAS MÉDICAS

O médico Charcot assume na trama justamente o exercício de diversos procedimentos que garantiram a discursividade em cima do sexo e do corpo. Ao se estabelecer tal relação de dominação, desdobram-se uma série de táticas outras voltadas para reivindicar a doença no plano de uma ordem prática (métodos de hipnose, relatos de sintomas, a exemplo). No filme, esbarramos, também, num domínio de progressiva objetificação do corpo feminino diante dos procedimentos analíticos diários aos quais são submetidos as/os pacientes. Sobre isso, pontua precisamente Foucault (2014, p. 62):

Que a Salpêtrière de Charcot sirva, aqui, de exemplo: era um imenso aparelho de observação, com seus exames, seus interrogatórios e suas experiências, mas era também maquinaria de incitação, com suas apresentações públicas, seu teatro das crises rituais cuidadosamente preparadas com éter ou nitrato de amilo, com seu jogo de diálogos, de apalpações, de mãos impostas, de posturas que os médicos, gesto comum ou palavra, suscitam ou eliminam, com a hierarquia do pessoal que espia, organiza, provoca, anota, relata, e acumula uma imensa pirâmide de observações e de prontuários.

Os procedimentos do Salpêtrière foram demasiadamente invasivos ao corpo feminino. Existiram as práticas rotineiras e exaustivas de obtenção de dados clínicos, como a medição axilar, rectal e vaginal (nos piores casos, haviam penetração danosa ao canal vaginal feita por aparelhos); a escuta atenta dos movimentos respiratórios e musculares; a observação na resposta de percepções sinestésicas – calor, frio, dor (muitas vezes envolvendo o uso de agulhas dérmicas

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





de grande calibre), mas, também uma gama de táticas e técnicas psiquiátricas como as práticas de hipnose individual e coletiva.

Esses procedimentos são imperativos nas cenas em que a doença é teatralizada e apresentada ao público de aprendizes de médicos, diretores de hospitais, psiquiatras e curiosos de uma forma geral. São as famosas “lições de terça-feira” ministradas por Charcot em Salpêtrière² (GOETZ et al., 1995).

Gramary (2008), ao oferecer análises provenientes de trechos da obra “Iconographie Photographique de La Salpêtrière de Bourneville”, questiona se, de fato, essa histeria (que parecia existir somente no centro psiquiátrico parisiense), foi realmente um diagnóstico ou uma invenção de Charcot. De acordo com o próprio autor, o médico francês chegou a se questionar sobre tal questão.

Ao que parece a histero-epilepsia só existe em França e, até me atrevo a dizer, e de facto [sic] já foi dito antes, que só existem em La Salpêtrière, como se eu a tivesse inventado graças ao poder da minha vontade. Seria realmente surpreendente que eu pudesse criar assim doenças por vontade expressa do meu capricho e da minha imaginação. Mas, na realidade, o meu labor foi unicamente o de fotógrafo; eu registro o que vejo (CHARCOT apud GRAMARY, 2007, p. 145).

A vontade de verdade de Charcot, criada pela fotografia, também teve o alicerce das técnicas hipnóticas; Augustine, a histericizada, é o exemplo de uma teoria que cria um sujeito inexistente ou deslocado para um rol discursivo de regras que o circunscreve em função de relatos de saber-poder.

O filme pontua que Augustine era hipnotizada pela técnica do magnetismo e que encenava os estágios do quadro histórico de Charcot, mesmo quando já não apresentava os sintomas das convulsões. As sessões de hipnose fotografadas eram

² As lições de terça-feira referem-se à exposição de internos de hospitais psiquiátricos em aulas públicas ministradas por Charcot entre os anos de 1887 e 1888 em *Salpêtrière* realizadas sempre às terças-feira para uma plateia de alunos de medicina.

Realização:



Apoio:



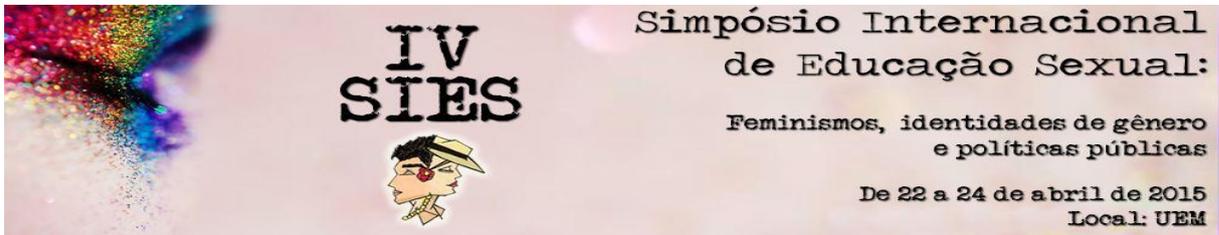
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



a materialização que garantiria a legitimidade da histeria e, mais do que isso, uma "[...] autoridade museológica sobre o corpo doente [...]" (DIDI-HUBERMAN, 2003, p. 17-30).

Essas críticas apontadas somadas ao contato com o filme permitem pensar uma atmosfera farsesca arquitetada no centro psiquiátrico. A sucessão de cenas em que Charcot se vale desse aparato médico sugere um caráter dúbio acerca de seu papel como clínico que ora denota uma preocupação genuína com o tratamento e a cura da doença, ora se subverte e desliza ante o mero interesse na construção de seu reconhecimento, na manutenção da doença em Augustine, no ensaio e na apresentação sintomática da histeria levada a público - sempre com o intuito de visibilizar a gravidade e a importância das investigações voltadas a ela.

Esse jogo de interesses na manutenção da doença não é neutro e instiga o espectador a pensar em quanto um centro psiquiátrico, que recebe somente mulheres com histeria, fortalece uma maquinaria de produção de verdades que passaram a ser o centro de referência na França do século XIX. Augustine é somente mais uma peça chave na manutenção da boa reputação que Charcot conquistara como neurologista-psiquiatra e médico-chefe de Salpêtrière, além de catedrático na área de anatomia patológica na Sorbonne, o que garantiu ostentar grandes poderes no meio acadêmico e fora dele.

Esse conjunto de elementos trazidos até aqui constelam relações de poder que definem um dispositivo de sexualidade. Para delimitar esta noção foucaultiana de dispositivo, apoiamos em Edgardo Castro (2009, p. 124) que o define como

a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regimentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito.

Nesse instante, é imprescindível, pois, fazer alusão ao fato de que as práticas de confissão exercidas sobre Augustine são facilitadas por elementos não discursivos tais como: a disposição arquitetônica dos asilos ou hospitais

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





psiquiátricos da época engendradas nos corredores, dormitórios, salas e consultórios, orientações que se consubstanciam na esteira binária de norma e desvio. A instituição fez/faz funcionar, por sua vez, outras expressões do não dito, mas que, na mesma esteira, ajudam a regular suas práticas profissionais: a presença e disposição das grades no interior do hospital a fim de dificultar toda e qualquer tentativa de fuga; seus horários de regimento que regularam, disciplinaram e, por vezes, puniram quando não obedecidos; e o apelo a instrumentos de amarra nos casos mais graves de indisciplina. Esse é um conjunto de fatores - ancorados em biopolíticas e biopoderes - que mais contribui para moldar práticas e comportamentos do que, efetivamente, livrar suas pacientes de manifestações históricas propriamente ditas. Esses elementos polarizaram-se de tal forma, que da mesma maneira que Charcot representa a materialização institucional do hospital, Augustine e as demais moças representariam, portanto, os efeitos de seu exercício prático de poder.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Uma interpretação foucaultiana de uma produção cinematográfica permite subverter, a princípio, sua lógica linear de aceitabilidade, direcionando um olhar mais apurado às formas com que as coisas são construídas. Longe de esgotar uma pretensão de um funcionamento verdadeiro, as análises trazidas podem ser lidas como provocações que irão criticar o exercício do poder institucional, do discurso médico-psiquiátrico e de outras relações de poder que foram postas em evidência na trama fílmica.

Uma leitura ancorada na multiplicidade de relações de força que são imanentes ao domínio onde se exercem – no caso, o hospital Salpêtrière e os constituintes de sua organização: os exames de rotina, conformação arquitetônica, as práticas médicas da época – propõem um distanciamento de interpretações ingênuas e lineares sobre o tratamento e a cura das mulheres históricas. Trata-se de pensar essa invenção de um domínio de sintomas que permitiu com que o hospital e

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



o discurso da histeria se disseminassem no final do século XIX e início do século XX.

A riqueza, pois, desta contribuição, está justamente em provocar e emergir caminhos possíveis para aqueles que se interessarem pelo filme e por este artigo, que problematizou a construção de uma verdade, ou seja, aquela que deu corpus a uma doença inventada a partir de investidas de um projeto progressivo de reificação institucional exercido sobre o corpo e a sexualidade de mulheres francesas.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DIDI-HUBERMANN, Georges. **La invención de la histeria**: Charcot y la iconografía fotográfica de La Salpêtrière. Madrid: Cátedra (Ensayos Arte Cátedra). 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. **O nascimento da clínica**. São Paulo: Forense Universitária. 2008.

GOETZ, Christopher G.; BONDUELLE, Michel.; GELFAND, Toby. **Charcot**: construing neurology. New York: Oxford University Press, 1995.

GRAMARY, Adrian. Charcot e a Iconografia Fotográfica de La Salpêtrière. In: **Leituras/Readings**, Porto, no.30, vol X, mai-jun, 2008. pp. 61-64.

HAKOSALO, Heine. The Salpêtrière histeric – a foucauldian view. In: **Science Studies**, Maastricht, no. 01, 1991. pp. 19-32.

WINOCOUR, Alice. **Augustine** [filme-vídeo]. Produção de Alice Winocour, direção de Alice Winocour. França, 2012. 1 DVD, 102 min. color. son.

Realização:



Apoio:

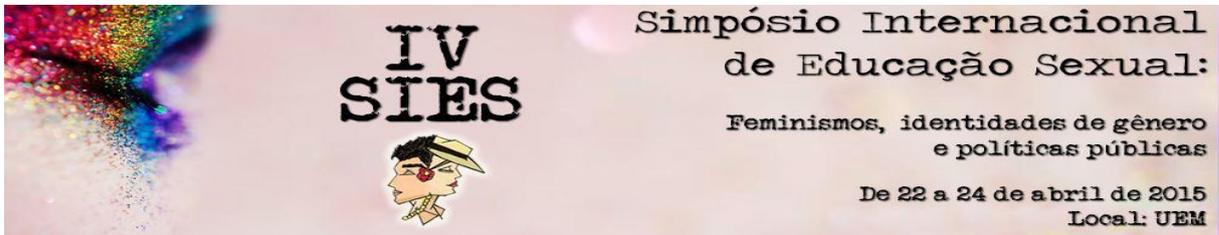


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





THE AUGUSTINE MOVIE: ANALYSIS ABOUT CLINICAL HYSTERIZATION AND WOMAN DISCURSIVE

Prof. Doutorando Adalberto Ferdnando Inocêncio
Universidade Estadual de Londrina

Tamires Tolomeotti Pereira
Profa. Doutoranda Fabiana Aparecida de Carvalho
Departamento de Biologia
Universidade Estadual de Maringá

ABSTRACT: This paper presents an analysis of the discursive production Augustine (2012) considering the Foucault's and gender studies that question issues and historically constituted categories such as gender, race, class and sexuality. Considering the film materiality and its symbolic constructions that lead to the establishment of meanings and interpretations in the plane of subjectivity, and the concept of Michel Foucault device, which points to diffuse and heterogeneous practices that encompass speeches, institutions, architecture, scientific statements, measurements, regulations, so the said and the unsaid in power networks, we point discursive categorizations that says about: a) the female body as medical research object; b) the representation of hysteria in registration apparatus in the production of truths about female sexuality; c) the objectification of femininity in medical practices and d) Apparatus not discursive and the female body invasion.

KEYWORDS: Gender; Hysteria; Discourse Analysis; woman's psychiatrization.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:

